



Fundação da Casa de Mateus

Senhor Presidente da República

Excelência Reverendíssima (Bispo Vila Real)

Senhor Presidente da Assembleia Municipal de Vila Real

Senhor Vereador para o Ordenamento do Território e Urbanismo, em
representação do Presidente do Município de Vila Real

Senhor Embaixador da Roménia

Senhor Professor Ramón Villares, Consello da Cultura Galega

Senhor Reitor da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Demais Autoridades Civis e Militares,

Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Mateus

Senhor Padre Ricardo, Pároco da Freguesia de Mateus

Senhores Presidentes das Fundações La Caixa-Portugal, Milénio BCP,
Eng.º António de Almeida e Museu do Douro

Senhores Diretores da Fundação da Casa de Mateus

Senhores membros do Júri do Prémio D. Diniz

Cara Leonor, caro Onésimo Teotónio Almeida,

Caros Amigos,

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Senhor Presidente,

É com o maior gosto que volto a agradecer-lhe o ter aceite presidir a esta sessão solene de entrega do prémio D. Diniz cujo galardoado é, este ano, Onésimo Teotónio Almeida, pela sua obra “O Século dos Prodígios”, publicada pela Editora Quetzal.

É também com muito gosto que nesta 35ª Edição do Prémio D. Diniz felicito calorosamente Onésimo Teotónio Almeida, o 43º autor a receber este prémio.

Atribuído pela primeira vez em 1980, este prémio tem sido um importante pilar da atividade e da presença da Fundação da Casa de Mateus no espaço público e cultural. Nasceu sob o impulso de Vasco Graça Moura a quem se deveu também o ciclo “Cultura em Diálogo” que marcou o arranque das atividades da Fundação. Hoje, e desde 2016, o júri é presidido por Nuno Júdice e integra também Fernando Pinto do Amaral, ambos cúmplices de longa data tanto deste prémio, como dos Seminários de Tradução Coletiva de Poesia Viva, e Pedro Mexia que não pode estar presente devido a anteriores compromissos. A eles também os nossos penhorados agradecimentos.

Os meus agradecimentos também ao Ministério da Cultura e ao Banco BPI-Fundação La Caixa que nos ajudam a financiar este prémio.

Quando começámos as nossas atividades, o ciclo Cultura em Diálogo¹ deu forma e conteúdo a uma conceção da cultura que se assumia como

¹ «Numa sociedade aberta que se pretende autêntica e livremente democrática, a cultura deve consistir numa prática aberta. Prática, enquanto **exercício de consciência crítica no contacto com a realidade**.

prática aberta, **exercício de consciência crítica no contacto com a realidade**, de **multiplicação de focos**, a partir dos quais se possa dinamicamente irradiar e propagar; como capacidade de **transformar conteúdo em situações culturais**; e que, portanto, não se podia conceber **sem a mais larga possibilidade de diálogo**.

O sentimento naquela época é que havia tudo por fazer. Alguns perceberam o papel essencial da ação cultural para nos ajudar a saltar etapas num processo do qual Portugal foi ficando excluindo, em particular durante os séculos XIX e XX, depois de – como nos ensina Onésimo Teotónio Almeida – Portugal ter albergado aquilo que por ventura terá sido a NASA do conhecimento científico e da capacidade de empreendimento, do século XVI.

Hoje, para aqueles de nós que ainda nos lembramos do que foi o país dos anos setenta e oitenta, a transformação é imensa. O nível cultural, a proliferação de estruturas e organizações culturais são dados evidentes da realidade de hoje.

Contudo prevalece o sentimento que há ainda muito por fazer. Às vezes tudo. Hoje as nossas realidades tornaram-se mais dispersas, se em certos meios se consegue acompanhar a aceleração das mudanças culturais, tecnológicas e sociais, noutros cresce o desamparo e a exclusão da possibilidade de participar nesse processo.

Penso que o grande desafio de hoje é, ainda, ou de novo, o velho objetivo de “religar”, ou melhor dito agora “**conciliar**”. Criar, eletrificar e multiplicar ligações entre um número crescente de polos de **coesão**, de

Aberta, não no sentido — que redundava no equívoco, na banalidade e no empobrecimento — de massificação dessa mesma cultura, mas no da **multiplicação de focos** a partir dos quais possa dinamicamente irradiar e propagar-se. O que implica a intervenção de cada um no específico da sua humanidade concreta, a comum participação, entendida como o avesso da passividade e modo de **transformar conteúdo em situações culturais**; o que portanto, e liminarmente, não se concebe sem a mais larga possibilidade de diálogo.»

partilha, de lugares de **transformação de conteúdo em situações culturais**, objetivo assumido por esta Fundação, já na década de 70.

Religar e conciliar. Mesmo dentro das organizações, propriamente ditas, percebemos que é crucial juntar pontas diversas e ao mesmo tempo conseguir uma maior capacidade de mobilização em torno de objetivos transformadores.

No próximo ano, no dia 3 de Dezembro de 2020, a Fundação da Casa de Mateus cumprirá 50 anos de existência. Queremos que essa data assinale um período de celebração, mas também de reflexão. Reflexão sobre os anos volvidos, a sua intensa atividade, a marca que deixaram e o amplo futuro que abriram para nós.

Reflexão também sobre a realidade institucional e o papel da Fundação junto da comunidade em que se insere.

Este processo no fundo iniciou-se há já alguns anos; anos em que reafirmámos a continuidade do Prémio D. Diniz, dos Encontros Internacionais de Música, dos Seminários de Tradução Coletiva de Poesia Viva, dos “repensar Portugal” que agora ajustaram a objetiva à escala da Ibéria, para melhor pensar sobre a Europa, dos Seminários com a colaboração das Universidades Portuguesas, das sessões de conversas e debates sobre Arte, Ciência e Cultura, e iniciámos com a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, uma reflexão sobre ideias e práticas de inovação sustentável, através do Programa Eco-Mateus que inclui conferências, workshops e uma mini-escola de inovação, e, mais recentemente, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, o projeto Lugar Comum que visa contribuir para tudo o que foi descrito acima ao potenciar o Capital Humano da Fundação da Casa de Mateus,

permitindo-nos, espero, vir a desenvolver novos serviços culturais e novas linhas de trabalho com a comunidade.

Nenhuma das nossas realizações faria sentido ou seria possível sem as parcerias que estabelecemos, quero referir, em particular este ano, o Município de Vila Real, a Universidade de Trás-os-Montes e Alto-Douro, o Régia Douro Park e o Conservatório Regional de Música de Vila Real, o Instituto Cervantes de Lisboa, o Consello da Cultura Galega e o Institute of Next da Catalunha, a Fundação Calouste Gulbenkian, o MIT-Portugal, centros de investigação das Universidade de Lisboa – Instituto Superior Técnico, Nova de Lisboa, do Minho ou de Aveiro, a Fundação Vicente Risco e a Associação Portuguesa de Jardins Históricos.

A Fundação assume-se assim como uma instituição de serviço público que procura mobilizar e fazer convergir no seu programa cultura, ciência e ambiente, fomentando interações entre as tendências globais e o desenvolvimento local, ao mesmo tempo que procura entender, conservar, expressar e difundir essa parte da cultura e da identidade nacional que faz parte da história da Casa de Mateus.

Se no século XVI, estivemos na vanguarda cultural e científica do Ocidente, e a Europa foi Portugal, a nossa árdua tarefa hoje é procurar que o século XXI nos traga o prodígio de voltar reconhecer o Mundo, algo apenas ao alcance de quem o sabe inventar, como Onésimo nos conta sobre o tempo das descobertas.

Sejam, pois, muito bem-vindos a Mateus, passo a palavra ao Presidente do Júri, Nuno Júdice.